



Introdução

A crescente possibilidade de acionamento de um socorrista ou policial para prestar assistência a um indivíduo com autismo é uma tendência gradativa intensificando-se a cada dia. Esta observação não se refere somente ao aumento da incidência global de diagnósticos de autismo, mas também à constatação de estudos que apontam uma maior propensão das pessoas com autismo a necessitar de intervenções de emergência em comparação às populações neurologicamente típicas (neurotípicas). Emergências envolvendo indivíduos autistas (neuroatípicos ou neurodivergentes) acarretam um risco notável de equívocos por parte dos profissionais envolvidos, colocando em perigo não apenas o indivíduo autista, mas também os próprios operadores de segurança pública, bem como a comunidade como um todo.

Neste trabalho em específico, no que me refiro à utilização dos termos “socorrista”, entenda como todo profissional capacitado para efetuar socorros de urgência em algum nível como Bombeiros, Socorristas do Sistema Integrado de Atendimento ao Trauma e Emergência (SIATE), Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (SAMU), Paramédicos, Policiais Militares, Civis, Penais, Científicos, Municipais, Guardas Municipais, Civis ou Metropolitanos. No que se refere à utilização dos termos “o autista”, entenda como o indivíduo autista ou a pessoa autista de qualquer sexo ou gênero. Como “pais”, entenda que me refiro a pai, mãe, cuidadores, tutores ou curadores da pessoa autista.

Esta obra deve servir como uma bússola, orientando os agentes de segurança pública na interação com indivíduos autistas durante ocorrências emergenciais. Elaborado com a *expertise* adquirida ao longo de quase duas décadas de serviço, estando hoje como Major do Corpo de Bombeiros Militar do Paraná (CBMPR), e enriquecido por minhas experiências pessoais como indivíduo



autista e pai de uma criança autista, este trabalho embora originado de uma iniciativa pessoal, é concebido para ser amplamente adotado em contextos institucionais.

Ele é projetado para ser um guia essencial para uma gama ampla de profissionais, incluindo forças de segurança pública, socorristas do SAMU, Agentes de Defesa Civil (ADC), bem como pais e professores que buscam orientações para interagir com eficácia com pessoas autistas em situações de crise. As diretrizes apresentadas visam sensibilizar para as peculiaridades do autismo, sugerindo abordagens que possam ser integradas aos procedimentos de cada instituição. Reconhecemos a importância de cada entidade de segurança pública desenvolver seus próprios protocolos, adaptando-os conforme suas técnicas operacionais específicas. Contudo, é fundamental que tais protocolos levem em consideração as nuances abordadas neste guia, garantindo que as necessidades únicas de pessoas autistas sejam atendidas com competência e cuidado. É importante ressaltar que este livro não visa substituir ou detalhar as intervenções técnicas e protocolares específicas de cada instituição, como Técnicas de Atendimento Pré-Hospitalar, Resgate em Altura ou Abordagem Policial, por exemplo. Ele busca oferecer uma perspectiva abrangente, centrada na experiência do autista, para responder a ocorrências sem agravá-las. Além disso, enfatiza a importância de treinamentos em sensibilidade ao autismo e técnicas de redução de estímulos sensoriais, colaboração com especialistas em autismo e a implementação de sistemas de *feedback* e avaliação contínua. Exemplos práticos e estudos de caso são incorporados para ilustrar as abordagens recomendadas, sempre com foco no respeito aos direitos e à dignidade das pessoas autistas. O objetivo é estabelecer confiança, desescalar crises e compreender o comportamento autista, visando um atendimento técnico e simultaneamente humanizado.

É importante salientar que crianças diagnosticadas com autismo apresentam uma taxa elevada de ocorrência de lesões e doenças agudas em comparação àquelas sem o diagnóstico de



autismo. Essa disparidade pode ser explicada, em parte, pela presença frequente de condições comórbidas ou deficiências múltiplas, como distúrbios convulsivos, deficiência intelectual, ou outras que tendem a ser mais prevalentes entre os indivíduos com espectro autista. Importante salientar também que mais de 90% dos autistas apresentam disfunções sensoriais. Além disso, os pais e as famílias encarregadas do cuidado dessas crianças também enfrentam as consequências desses desafios de saúde, correndo o risco de enfrentar dificuldades sociais e econômicas a longo prazo. Portanto, é crucial que as pessoas sejam treinadas e estejam conscientes de como integrar adequadamente com indivíduos autistas e seus cuidadores, a fim de garantir um atendimento seguro e eficaz em situações de emergência.

Enfrentar interações com indivíduos autistas pode ser uma tarefa desafiadora em situações cotidianas, contudo, essa complexidade pode se intensificar consideravelmente durante situações de emergência para socorristas e policiais que não possuem uma compreensão adequada do espectro autista.

Para estimar o número de pessoas autistas atendidas pelo Corpo de Bombeiros do Paraná (CBMPR) em 2023, foi realizada uma pesquisa no sistema de dados da corporação. A análise revelou que o CBMPR atendeu a um total de 43.993 ocorrências de acidentes de trânsito, envolvendo 51.028 vítimas, e 35.700 ocorrências de atendimento pré-hospitalar, com um número igual de vítimas, incluindo casos de quedas, agressões e queimaduras. Em 2023, os socorristas do CBMPR atenderam quase 80.000 ocorrências, socorrendo um total de 86.728 pessoas.

Considerando todas as naturezas de serviços prestados pelo CBMPR, o número total de pessoas socorridas chega a quase 120.000, incluindo 2.930 óbitos.

Embora não existam dados oficiais sobre a prevalência do Transtorno do Espectro Autista (TEA) no Brasil, a Organização Mundial da Saúde (OMS), com base em estudos internacionais,



estima que há cerca de 2 milhões de autistas no país. Aplicando essa estimativa ao estado do Paraná, cuja população total é de aproximadamente 11,3 milhões de pessoas, calcula-se que cerca de 108.863 indivíduos possam apresentar características do autismo, representando aproximadamente 0,96% da população estadual.

Portanto, ao aplicar essa proporção de 0,96% às 120.000 pessoas socorridas pelo CBMPR, estima-se que cerca de 1.152 indivíduos com TEA tenham sido atendidos pela corporação em 2023.

A Nota de Instrução (NI) nº 001/2022-PM/3 da Polícia Militar do Paraná (PMPR), que aborda “Procedimentos a serem observados em ocorrências envolvendo pessoa com TEA”, foi um marco excepcional nas forças de segurança pública. Esta Nota de Instrução tem suas raízes em uma diretriz estabelecida pela Polícia Militar de Santa Catarina (PMSC), demonstrando uma contínua evolução e adaptação das práticas de segurança. No entanto, é crucial que esta Nota de Instrução transcenda a sua existência como mero documento hospedado na *Intranet* das corporações, entre tantas outras normas e diretrizes. Deve-se aspirar que seu conteúdo e espírito sejam integralmente assimilados e internalizados pelos operadores de segurança pública, não apenas em suas mentes, mas também em seus corações.

Essa internalização, fundamental para uma implementação efetiva das diretrizes previstas na Nota de Instrução da PMPR ou das outras corporações, exige um processo educacional meticuloso, como no curso de Atendimento a Emergências a Pessoas no Espectro Autista, hospedado em uma plataforma de Ensino a Distância, que compreende as fases de “Saber” (o primeiro contato com a informação), “Entender” (o processamento do conhecimento adquirido) e “Conhecer” (a aplicação prática do conhecimento). Nesse contexto, a memória desempenha um papel crucial, consolidando os conhecimentos transmitidos pelo Curso e presentes neste livro, especialmente nos processos de “Codificação”, “Armazenamento” e “Recuperação” do conhecimento. A leitura dos materiais complementa esse processo, fortalecendo a consolidação do conhecimento



por meio das etapas de “Decodificação”, “Compreensão”, “Interpretação” e “Retenção”. Dessa forma, a verdadeira assimilação transcende a esfera intelectual, caracterizando-se por uma internalização profunda que permeia a prática diária dos profissionais de segurança pública.

Este processo é indispensável para que os agentes de segurança pública não apenas compreendam as diretrizes teóricas, mas também sejam capazes de aplicá-las eficientemente em situações reais.

Nesse contexto, a implementação de um curso específico se mostra mais adequada e eficaz para atender aos processos cognitivos de ensino e aprendizagem. Um curso dedicado ao Atendimento a Emergências a Pessoas no Espectro Autista, acompanhado de materiais diversificados como infográficos, videoaulas, *podcasts* e outros recursos de apoio, oferecerá uma formação mais completa e aprofundada. Este enfoque não apenas reforça as diretrizes da Nota de Instrução, mas também assegura que os profissionais de segurança pública estejam plenamente capacitados para lidar com as complexidades e desafios inerentes ao atendimento de pessoas com TEA.

Assim, propomos este livro como parte integrante do Curso de Atendimento a Emergências a Pessoas no Espectro Autista, visando aprimorar a qualidade do serviço prestado e garantir uma abordagem mais humana, eficiente e consciente no trato com pessoas com TEA em situações de emergência.

Nos últimos dois anos, dediquei-me intensamente ao estudo do autismo, mergulhando em uma vasta gama de literatura especializada. Esse esforço me permitiu compreender o TEA de maneira mais abrangente e íntima, transcendendo o escopo teórico aliado à vivência prática e diária com as nuances do autismo de meu filho. Essa convivência cotidiana, associada ao conhecimento acadêmico, tem sido de vital importância para entender não apenas os desafios enfrentados por meu filho, mas também para reconhecer



e interpretar com maior clareza comportamentos e experiências que vivenciei ao longo de toda a minha vida, proporcionando uma perspectiva única que combina o entendimento teórico com a realidade vivencial.

Tendo recebido o diagnóstico de TEA aos 36 anos, pude, com maior clareza, compreender diversos comportamentos que manifestei desde a infância e adolescência. Este diagnóstico tardio lançou luz sobre características e desafios pessoais que, até então, permaneciam sem explicação para mim. Além disso, o início do tratamento para Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH) e hipotireoidismo trouxe uma melhora substancial na minha qualidade de vida pessoal e profissional.

Essa intervenção médica não só aprimorou significativamente minha saúde e bem-estar, como também desbloqueou um potencial que parecia estar adormecido. Com uma compreensão mais profunda dos meus próprios desafios, tornei-me mais capacitado para identificar e auxiliar outras pessoas que podem estar enfrentando situações semelhantes.

Minha experiência pessoal e formação acadêmica me capacitam de forma especial e significativa para conscientizar e apoiar outros, especialmente no contexto do TEA. Com uma abordagem integrada e empática, estou melhor preparado para guiar e auxiliar aqueles que enfrentam desafios semelhantes, oferecendo o reconhecimento e o suporte que podem estar faltando em suas jornadas.

A finalidade precípua deste livro é capacitar os profissionais de segurança pública com as competências e o entendimento essenciais para oferecer um serviço de alta qualidade e humanizado às pessoas com TEA. Esta necessidade tornou-se evidente ao longo dos meus 19 anos de serviço, durante os quais observei que a maioria desses profissionais possui limitado ou nenhum conhecimento sobre o TEA, nem sobre como atender efetivamente indivíduos nesta condição.



A educação de agentes da segurança pública, como policiais, bombeiros e outros para atender a emergências envolvendo pessoas com autismo é uma necessidade crucial para promover a inclusão e garantir o bem-estar de toda a sociedade, considerando que o agente de segurança pública desempenha não apenas o papel de executor da lei ou prestador de socorro, mas também assume a função de guardião da comunidade. Embora a conscientização sobre autismo e inclusão esteja em ascensão, muitas vezes, recai sobre os pais, professores e profissionais de saúde o ônus de entender e atender às necessidades das pessoas com autismo. No entanto, o alcance dessa inclusão deve se estender para além das salas de aula e clínicas, abrangendo também aqueles que têm o dever de proteger e salvar vidas.

Os agentes da segurança pública habitualmente se encontram em situações de alto estresse, nas quais a compreensão e a empatia são vitais para a tomada de decisões. Pessoas com autismo podem reagir de maneira única em situações de emergência, devido a suas sensibilidades sensoriais e formas de comunicação diferenciadas. Portanto, capacitar esses profissionais com conhecimento sobre as características do autismo, estratégias de comunicação eficazes e abordagens adaptadas é vital para garantir uma resposta adequada e segura nessas situações. A prevalência de depressão em indivíduos com TEA é significativamente maior do que na população em geral, e a idade de início é mais jovem.¹ A taxa de depressão nos indivíduos com TEA é quase quatro vezes maior do que na população em geral.²

No contexto de intervenções em situações de crise, os profissionais de segurança pública desempenham um papel primordial, atuando como verdadeiros pilares de salvaguarda da integridade física e psíquica dos indivíduos, inclusive daqueles dentro do

1 HOLLOCKS, M. J. et al. Anxiety and depression in adults with autism spectrum disorder: A systematic review and meta-analysis. *Psychological Medicine*, [s.l.], 2019.

2 HUDSON, C. C.; HALL, L.; HARKNESS, K. L. Prevalence of Depressive Disorders in Individuals with Autism Spectrum Disorder: a Meta-Analysis. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 2018.



espectro autista. Eles são os primeiros a intervir em momentos críticos e extremos, nos quais uma pessoa pode estar vulnerável a ponto de atentar contra a própria vida.

É essencial que esses agentes estejam aptos a identificar e compreender as nuances comportamentais decorrentes de condições neuropsiquiátricas, como o autismo, a fim de aplicar técnicas eficazes de desescalada de crises. A habilidade de acalmar uma pessoa em estado emocional de estresse agudo, pânico ou depressão é uma competência que transcende o escopo técnico-operacional, adentrando o domínio da empatia e da comunicação humanizada.

Nesse sentido, o agente de segurança não se limita a uma figura de autoridade, mas transforma-se em um guardião comunitário, cuja presença e vigilância contínua permitem não apenas o conhecimento profundo das vulnerabilidades sociais, mas também a construção de um vínculo de confiança com os cidadãos. A atuação preventiva por meio de rondas e patrulhamentos é apenas um aspecto dessa complexa dinâmica.

Nos ápices de crises, quando a linha entre a vida e a morte se mostra tênue, o profissional de segurança assume múltiplos papéis: é o interlocutor capaz de estabelecer um diálogo consolador, o conselheiro que oferece suporte psicológico e espiritual, e o facilitador que pode abrir portas para alternativas de recuperação e esperança.

A arte de convencer um indivíduo a abdicar de uma decisão tão drástica como o suicídio e oferecer-lhe a possibilidade de um novo percurso de vida é uma faceta pouco reconhecida, mas extraordinariamente nobre, da função policial e de socorro.

Os profissionais de segurança pública devem estar preparados para, em meio à adversidade, proporcionar um ponto de inflexão que pode significar a diferença entre a desistência e a perseverança na jornada humana. O estudo conduzido por Cassidy³, revelou que 72% dos 164 indivíduos que receberam o diagnóstico de TEA tiveram

3 CASSIDY, S. et al. Risk markers for suicidality in autistic adults. *Molecular Autism*, 2018.



pontuações consideravelmente superiores ao limiar recomendado para o risco de suicídio. Em contraste, 33% dos 169 participantes pertencentes à população neurotípica demonstraram pontuações acima desse mesmo limite.

É uma questão de urgência que esses bravos homens e mulheres da segurança pública estejam no centro das discussões sobre saúde mental.

Nos congressos e eventos que debatem tais questões vitais, a presença de médicos, psicólogos e psiquiatras é indispensável, mas igualmente crucial é a voz dos operadores de segurança pública. Afinal, são eles que estão na linha de frente, muitas vezes, sendo o último bastião a prevenir que as tragédias se desdobrem em lágrimas e sangue.

Não podemos mais negligenciar suas perspectivas e experiências. Eles são atores-chave na prevenção e no manejo dessas crises e devem ser reconhecidos como tal. Sua presença e *insights* são vitais nas mesas de discussão para que possamos construir estratégias eficazes para aqueles que enfrentam as horas mais escuras na fatídica estrada da vida.

Uma pesquisa conduzida por Arwert e Sizoo em 2020⁴, examinou que em uma amostra composta por 75 indivíduos com diagnóstico de TEA, dois terços (66,6%) relataram experiências relacionadas ao suicídio.

Ter a capacidade de “entrar” na mente e no coração do indivíduo, comunicar-se de maneira sensível e criar um ambiente seguro pode fazer a diferença entre uma situação trágica e uma intervenção bem-sucedida. Os pais ou cuidadores de crianças com autismo constantemente relatam níveis mais altos de estresse e

4 ARWERT, T. G.; SIZOO, B. B. Self-reported suicidality in male and female adults with autism spectrum disorders: rumination and self-esteem. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, 2020.



exaustão do que pais de crianças sem necessidades especiais.⁵ A carga de cuidados associada ao autismo pode levar a níveis significativos de exaustão e distúrbios emocionais nos pais.⁶

Estudos indicam que pessoas com autismo têm uma probabilidade maior de enfrentar pensamentos suicidas e tentativas de suicídio do que a população em geral. Um estudo realizado nos Estados Unidos encontrou uma taxa de ideação suicida de, aproximadamente, 66% em adolescentes com autismo.⁷ Pessoas diagnosticadas com TEA constituem uma parcela que varia de 7,3% a 15% da população que apresenta tendências suicidas, conforme documentado por Hofvander *et al.*⁸ Isso contrasta com a representação de apenas 1% da população em geral, como observado por Rai *et al.*⁹

Uma revisão sistemática descobriu que adultos com autismo apresentam uma taxa de suicídio significativamente mais alta em comparação com a população neurotípica.¹⁰ Com frequência, enfrentam desafios psicológicos, incluindo a manifestação de depressão e comportamentos autodestrutivos que estão, muitas vezes, ligados ao isolamento social que sua condição impõe. A presença de depressão é observada como uma das condições de saúde mental mais prevalentes em indivíduos autistas, atingindo potencialmente até 50% deles ao longo de suas trajetórias de vida.¹¹

5 DAVIS, N. O.; CARTER, A. S. Parenting stress in mothers and fathers of toddlers with autism spectrum disorders: Associations with child characteristics. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, 2008.

6 GRAY, D. E. Coping over time: The parents of children with autism. *Journal of Intellectual Disability Research*, 2006.

7 STERLING, L. et al. Mental Health Indicators and Psychosocial Well-Being of Youth With Autism Spectrum Disorder: A Nationally Representative Self-Report Survey. *Journal of the American Academy of Child & Adolescent Psychiatry*, 2020.

8 HOFVANDER, B. et al. Psychiatric and psychosocial problems in adults with normal-intelligence autism spectrum disorders. *BMC psychiatry*, 2009.

9 RAI, D. et al. Association of autistic traits with depression from childhood to age 18 years. *JAMA psychiatry*, 2018.

10 HIRVIKOSKI, T. et al. Individual risk and familial liability for suicide attempt and suicide in autism: a population-based study. *Psychological Medicine*, v. 50, n. 9, p. 1463-1474.

11 HOFVANDER, B. et al. Psychiatric and psychosocial problems in adults with normal-intelligence autism spectrum disorders. *BMC psychiatry*, 2009.



A importância do sono no espectro autista

Você sabia que 80% dos indivíduos autistas enfrentam desafios relacionados à insônia? Esse dado alarmante nos adverte sobre como a falta de sono pode influenciar não somente a saúde física, mas também o equilíbrio emocional.

Pessoas que lidam com insônia têm maiores chances de desenvolver depressão e apresentar ideação suicida. A razão? Pesquisas indicam que a privação de sono deteriora nosso humor. Imagine o efeito de dormir apenas cinco horas por noite durante uma semana. O cenário é sombrio: há um declínio contínuo no humor, elevando riscos de depressão e, conseqüentemente, pensamentos suicidas. A falta de sono também amplifica a atividade da amígdala em resposta a estímulos emocionais, tornando a reatividade emocional mais intensa em comparação quando estamos bem descansados.

Dormir adequadamente é fundamental para otimizar a regulação emocional. Isso ocorre porque um sono reparador potencializa o funcionamento do córtex pré-frontal, região cerebral crucial para o controle emocional e para as funções cognitivas superiores. No contexto do autismo, é imprescindível reconhecer a relevância do sono e seus impactos emocionais. Nosso objetivo é colaborar, oferecendo suporte adequado aos autistas, para que superem os desafios da insônia e suas ramificações emocionais.¹²

A educação dos agentes da Segurança Pública sobre autismo não é apenas um imperativo moral, mas também uma medida prática para tornar nossas comunidades mais seguras e inclusivas. A inclusão não pode ser limitada a determinados ambientes ou grupos de pessoas; ela deve permear todas as esferas da sociedade. Capacitar esses

¹² TALBOT, L. S. et al. Sleep deprivation in adolescents and adults: changes in affect. *Emotion*, [s.l.], v. 10, n. 6, p. 831-841, dez. 2010.



profissionais para compreender, respeitar e responder adequadamente às necessidades das pessoas com autismo é um passo crucial na construção de uma sociedade mais justa e compassiva.

Veja alguns casos reais de emergência com esta população, citados no artigo “*Best Practices for Autism During Emergencies*” de Kupietzz: ¹³

*Joseph Swigart, um menino autista de doze anos alertou sua família sobre o cheiro de fumaça e os auxiliou a escapar, apenas para retornar ao incêndio e perecer, possivelmente confundido com o barulho externo.*¹⁴

*Mason Medlam, uma criança autista de dez anos, saiu de casa através de uma janela parcialmente aberta e encontrou um trágico fim em um lago nas proximidades.*¹⁵

*James Delorey, um menino autista de sete anos, foi vítima de hipotermia após seguir seu cachorro até a floresta.*¹⁶

*Hansel Cunningham, um paciente autista de trinta anos residente em um lar de grupo, faleceu devido à asfixia mecânica quando policiais empregaram um taser, spray de pimenta, sedativos e algemas na tentativa de contê-lo.*¹⁷

13 KUPIETZ, Kevin. Best practices for autism during emergencies, 2013.

14 EVANS, S. The tragic end to a young boy's life. ABC News, 2011.

15 PORTER, R. Family mourns autistic boy who drowned. The Spokesman-Review, 2011.

16 PATE, S. M. Autistic boy found dead near family home. The News Tribune, 2007.

17 REYNOLDS, D. Family sues group home after death of autistic man. San Francisco Chronicle, 2006.